



Nome do(a) aluno(a): _____

Professor(a): _____ 7º Ano

Campos dos Goytacazes, ____ de ____ de 2020 1º Bimestre

**49 anos de dedicação ao ensino *49 anos de dedicação ao ensino *49 anos de dedicação ao ensino*

Filosofia (material complementar)

As Escolas Helenísticas e a arte de viver bem

1) Cinismo: vida simples é vida feliz

Você já reparou como as pessoas precisam de um mundo de coisas para viver? Roupa, comida, celular, eletrodoméstico, casa, cama, pasta e escova de dentes, sabonete, toalha, pente, água, refrigerante, suco, tênis, sapato, chinelo, carro, ônibus, metrô, tablet, smartphone, giz, carteira, lousa, escola, igreja, clube, quadra, campo, televisão, computador, CD, pendrive, lápis, borracha, figurinha, vídeo game, livro, caderno, chá, café, leite... A lista não para mais!

Será que precisamos de tudo o que temos? Talvez apenas algumas dessas coisas sejam úteis e o restante seja supérfluo¹. O cinismo é uma corrente filosófica que trata exatamente dessa questão e responde que não precisamos de muito. Para os cínicos, a sociedade tem um conjunto de regras e convenções que vai contra a essência do indivíduo. Assim, o ser humano, se respeitasse a própria natureza, precisaria de pouco para ser feliz.

Quais são as necessidades que a natureza ditou aos homens? Podemos pensar que, de tudo o que temos, algumas coisas são indispensáveis para a manutenção natural da vida. O alimento, por exemplo, fornece-nos a energia necessária para crescer, estudar, trabalhar... enfim, viver. As roupas também são fundamentais, pois nos protegem do frio e mantêm nosso corpo aquecido. A casa é um abrigo necessário porque garante nossa segurança, preservando-nos, em alguns casos, do ataque de animais ferozes; em outros, protegendo-nos do frio e da chuva.

Entretanto, se essas necessidades forem adicionadas aos sentimentos e valores construídos pela sociedade, como a ambição por riqueza e a vaidade, o necessário poderá tornar-se supérfluo. Não precisamos, por exemplo, de várias casas, ou mesmo de uma casa com vários cômodos. Não precisamos de inúmeras roupas. A nossa alimentação pode ser saborosa e nutritiva, sem ser desmedida e sofisticada. O ser humano, após construir tantas necessidades, acaba escravizado por elas e infeliz. Até porque se acredita que a felicidade está na posse de bens materiais, no status social, no poder, nos prazeres da mesa e cama, na saúde etc.

Pressupõe-se que a carência de uma dessas fontes possa acarretar a infelicidade de alguém, o que segundo os cínicos é uma grande bobagem, pois para sermos felizes podemos levar uma vida simples.



2) Diógenes e a liberdade



Diógenes nasceu aproximadamente em 400 a.C., na cidade grega de Sinope., Ásia Menor, e morreu em 325 a.C. Viveu por muito tempo em Atenas. O filósofo teve uma vida semelhante ao ideal de simplicidade que defendeu. Morou nas ruas como mendigo, protegendo-se dentro de um barril e alimentando-se de sobras e de doações. Essa simplicidade fazia Diógenes se sentir livre.

O fundador do **cinismo** foi Antístenes de Atenas, discípulo de Sócrates, mas o principal filósofo entre os cínicos foi Diógenes de Sinope. Diógenes dizia que o ser humano deveria viver de acordo com sua essência, isto é, conforme sua natureza.

Para esse filósofo, o ser humano não necessitava da matemática, da física, da astronomia e, menos ainda, dos sistemas metafísicos de Platão e de Aristóteles. Essas elaborações teóricas seriam inúteis. O ser humano precisava apenas satisfazer suas necessidades básicas, como comer, dormir e abrigar-se.

Diógenes acreditava que, vivendo de modo simples, o indivíduo poderia ser livre e feliz. Uma vida simples seria aquela distante das comodidades e dos desejos criados pelo convívio em sociedade, sem fama, sem luxo e sem fortuna, por exemplo.

3) Epicurismo: o prazer e a felicidade

Em um jardim afastado do centro de Atenas, o filósofo Epicuro fundou uma nova escola, em 306 a.C. Nessa escola, Epicuro e seus discípulos viviam em comunidade. Homens, mulheres, jovens, velhos, escravos e estrangeiros compartilhavam uma vida simples e silenciosa.

A escola do Jardim, como ficou conhecida a comunidade, atraía muitos frequentadores devido a um princípio fundamental: o prazer, que segundo a corrente epicurista é o princípio de uma vida feliz. Para o filósofo, felicidade é o prazer resultante da **satisfação dos desejos**, como crê a maioria das pessoas. Mas o que Epicuro quer dizer com isso é que a felicidade é **fundamentalmente** prazer, pois para ele tudo no mundo é **matéria** e, no ser humano, **sensação**, inclusive a felicidade. Assim, ser feliz é **sentir prazer**.

Com base nessa visão **sensualista** (baseada nas sensações), Epicuro dirá que todos os seres buscam o prazer e fogem da dor e que, para sermos felizes, devemos gerar, primeiramente, as condições materiais e psicológicas que nos permitam experimentar apenas o prazer na vida. E prazer, para ele, é sobretudo **ausência de dor**, conforme veremos adiante.

Que estratégias o filósofo propõe para evitar a dor?

3.1) Eliminar certas crenças

Uma das principais causas de angústia e infelicidade, segundo Epicuro, são as **preocupações religiosas** e as **superstições**. Ele se refere, aqui, ao temor que certas crenças e religiões nos impõem. Por exemplo, os gregos temiam muito ofender seus deuses e serem terrivelmente punidos por eles. Também viviam sob o pavor de que forças divinas interferissem em suas vidas, mudando sua sorte ou tirando-lhes os seres queridos.

Todo esse sofrimento poderia ser evitado, segundo o filósofo, se as pessoas compreendessem que o universo inteiro é constituído de matéria, inclusive a alma humana. Veriam que tudo o que acontece pode ser explicado pelo **movimento aleatório dos átomos**, que produz forças cegas e indiferentes ao destino humano. Aqui Epicuro segue a teoria **atomista**² e **mecanicista** de outro filósofo grego, Demócrito (460-370 a.C).

Mediante essa compreensão materialista do universo e do ser humano. Epicuro sustentava que as pessoas também se livrariam de outro grande fator de angústia e infelicidade: o **medo da morte**.

*Acostuma-te à ideia de que a morte para nós
não é nada, visto que todo bem e todo mal residem
nas sensações, e a morte é justamente a privação
das sensações. A consciência clara de que a morte
não significa nada para nós proporciona a fruição
da vida efêmera, sem querer acrescentar-lhe tem-
po infinito e eliminando o desejo de imortalidade.
[...] quando estamos vivos, é a morte que não
está presente; ao contrário, quando a morte está
presente, nós é que não estamos. (Carta sobre a felicidade, p.27-28)*

3.2) Eliminar ou moderar os desejos

Epicuro também dizia que quem espera muito sempre corre o risco de se decepcionar. Por isso, ele recomendava que as pessoas eliminassem todos os desejos desnecessários e se permitissem apenas os naturais e necessários, mesmo assim com moderação.

Isso significa fazer uma distinção entre os desejos, que, para o filósofo, podiam ser classificados em três tipos:

- ❖ **naturais e necessários** – como os desejos de comer, beber e dormir;
- ❖ **naturais e desnecessários** – como os desejos de comer alimentos refinados, tomar bebidas especiais e caras e dormir em lençóis luxuosos etc.;
- ❖ **não naturais e desnecessários** – como os desejos de riqueza, fama e poder.

Contentar-se com pouco seria o segredo do prazer e da felicidade. Com a expectativa reduzida, não há decepção, e um grande prazer pode advir de um simples copo de água. Gozar o prazer eventual de um

banquete ou de um cargo elevado não é proibido, mas não deveria ser desejado sempre, pois, mais cedo ou mais tarde, viriam a insatisfação, o desprazer, a infelicidade.

3.3) Agir com prudência racional

Como nem todos os prazeres contribuem para uma vida feliz, como apontou Epicuro, podemos concluir que alguns prazeres são superiores a outros. Por isso, o filósofo recomendava agir com **prudência racional**, isto é, avaliar a ação de cada um deles.

Se fizermos uma comparação entre os prazeres veremos que – conforme assinalou o filósofo – alguns são mais duradouros e encantam o espírito, como a boa conversação, a contemplação das artes e a audição de música. Já outros, movidos pela explosão das paixões, são muito intensos e imediatos, mas perdem sua força com o passar do tempo.

Esse discernimento nos possibilita realizar uma escolha prudente e racional dos prazeres, evitando aqueles que podem produzir infelicidade. Desse modo, conquistamos a **autarquia**, isto é, o governo da própria vida, sem depender de elementos externos. E pela autarquia – conforme sustentou Epicuro – ascenderíamos à **ataraxia**, palavra de origem grega que designa o estado de imperturbabilidade da alma caracterizada pela indiferença total ao que ocorre no mundo. Esse seria o objetivo último, a felicidade suprema dos epicuristas.

4) Estoicos: amor ao destino

Outra perspectiva no caminho da felicidade foi criada pelos **estoicos**, dando origem à corrente filosófica antiga conhecida como **estoicismo**. Essa palavra deriva do grego *stoá*, “pórtico” ou “galeria de colunas”. Trata-se de uma referência ao local onde o primeiro filósofo dessa corrente, **Zenão de Cício** (c. 335-264 a.C), reunia os alunos e administrava suas aulas. Para o estoico, é feliz aquele que vive de acordo com a **ordem cósmica**, aceitando e amando o próprio **destino** nela inscrito.

Como se explica essa ideia e qual é precisamente o método estoico para a condução de uma vida boa e feliz?

4.1) Compreender a ordem cósmica

O primeiro passo é entender a **física** ou **cosmológica** estoica. O estoicismo concebe o universo como *kósmos*, “universo ordenado e harmonioso”, composto de um princípio (aquilo que inicia, que funda; aquilo que constitui a base, a fonte ou o ponto de partida de coisas ou ideias) **passivo** (a matéria) e de um princípio **ativo, racional, inteligente** (o chamado **logos**), que permeia, anima e conecta todas as suas partes.

Esse princípio ativo ou inteligência universal – que os estoicos chamavam de **providência** – regeria toda a realidade, equivalendo ao que se pode denominar **Deus**. Se o Deus estoico permeia tudo, isso significa que ele se encontra no mundo e se confunde com ele, com a natureza (no jargão da filosofia diz-se que Deus é imanente; o contrário desse termo é transcendente, isto é, que está separado do mundo e não se confunde com ele, como é o caso do Deus cristão).

Em outras palavras, tudo o que existe e que acontece tem um objetivo e uma razão de ser, pois faz parte da inteligência universal e divina. Assim, tudo é **necessário**, ou seja, não pode ser diferente do que é, pois, no kósmos, todos os eventos estão organicamente predeterminados.

Isso inclui a vida de cada um, o que quer dizer que, na concepção estoica, cada pessoa nasce com um **destino definido**.

Pela mesma razão, tudo o que acontece deve ser **bom**, pois é animado pelo bem contido nos princípios racionais que governam o universo (a **providência**). O importante é a ordem do todo, da totalidade do universo, o kósmos. Isso quer dizer que, para os estoicos, o **bem do todo** é melhor do que o **bem individual**. Talvez possamos dizer que, para eles, não há bem quando a pessoa se afasta do todo.

4.2) Usar o poder da vontade

Com base nessa cosmologia, os estoicos entendiam que é impossível sermos felizes se acreditarmos que a felicidade é ter tudo o que desejamos (como geralmente se pensa). Basta que fracássemos em alcançar um desejo e nos tornamos infelizes.

A esse respeito, ensinavam que há coisas que **dependem de nós** e há outras que **não dependem de nós** ou só de nós. Depende de nós, por exemplo, elaborar um bom trabalho ou ser bom e generoso; não depende de nós (ou só de nós) ganhar na loteria ou conquistar o coração da pessoa amada.

Então, se existe uma ordem cósmica predeterminada e se há coisas que não dependem de nós, só nos resta aproveitar uma “brechinha” de liberdade que o estoicismo nos deixa para garantir nossa felicidade: a aplicação de uma faculdade que todos temos – a **vontade**.

É a vontade que nos permite querer ou não querer as coisas. Veja que nada nem ninguém pode me obrigar a querer o que não quero, ou a não querer o que quero. Podem me obrigar, por exemplo, a ir a uma festa, inclusive me levar à força até lá, mas não podem me fazer querer ir a essa festa.

É desse modo, para os estoicos, que posso construir minha felicidade: usando minha vontade para querer apenas aquilo sobre o que tenho poder, que depende de mim e que me faz verdadeiramente feliz.

4.3) Controlar pensamentos e paixões

Com base nesse raciocínio, os estoicos procuram orientar a conduta das pessoas estabelecendo a seguinte distinção entre as coisas:

- ❖ **boas** – são aquelas que dependem de nós e que devemos querer e buscar durante a vida para sermos felizes. Trata-se das **virtudes**, como ser prudente, justo, corajoso.
- ❖ **Más** – são as coisas que dependem de nós, mas que, ao contrário, devemos evitar durante a vida se queremos ser felizes. Trata-se dos **vícios** e das **paixões**, como ser imprudente, injusto, covarde, guloso, raivoso.
- ❖ **indiferentes** – são as que não dependem de nós e com as quais não devemos nos preocupar, sob pena de gerar infelicidade. É o caso da morte, do poder, da saúde ou doença, da riqueza ou pobreza, entre outras.

A **infelicidade** ocorre, portanto, segundo os estoicos, quando não conduzimos corretamente nossos pensamentos e não evitamos as chamadas **coisas más**.

Ou quando nos preocupamos com as tais **coisas indiferentes** (algo muito frequente), o que conduz à formulação de **juízos errôneos** ou **opiniões equivocadas** sobre os acontecimentos e o conseqüente despertar de paixões (isto é, de uma coisa má).

Por esse raciocínio, podemos concluir que a paixão (*pathos*, em grego) é o resultado do uso inadequado da razão, enquanto a virtude consiste na ação que se desenvolve conforme a razão (ou seja, conforme a natureza, pois a natureza, como vimos, é *logos*, razão).

Assim, **dominar as paixões** é o objetivo principal da ética estoica. Para isso, o esforço em **controlar os pensamentos** será fundamental, pois é o pensamento equivocado que gera as condições para o aflorar das paixões.

Veja o conselho de um pensador estoico grego, **Epiteto** (55-135), que foi escravo em Roma durante a maior parte de sua vida:

Lembra-te que não é nem aquele que te diz injúrias, nem aquele que te bate, quem te ultraja, mas sim a opinião que tens deles, e que te faz olhá-los como gente por quem és ultrajado. Quando alguém te magoa ou te irrita, saiba que não é aquele homem que te irrita, mas sim tua opinião. Esforça-te, portanto, acima de tudo, para não te deixar levar por tua imaginação. (Citado em Bosch, A filosofia e a felicidade, p.103.)

O sábio, portanto, seria aquele que pensa corretamente, de acordo com as exigências da razão universal (ou seja, conforme a natureza), controla seus pensamentos e evita as ilusões das paixões. Desse modo, atinge a **apatia** (eliminação de paixões) e a **ataraxia** (imperturbabilidade da alma). E quem é imperturbável não tem tristeza, e sem tristeza se é feliz.

4.4) **Amar o próprio destino**

O domínio sobre os pensamentos e as paixões seria a **via negativa** para atingir a felicidade. Diz-se “negativa” porque se dá pela negação das paixões, pela negação das causas da infelicidade. Mas há também um percurso positivo, o do **amor fati**, expressão latina que significa “amor aos fatos, aos acontecimentos”, como o próprio destino. Vejamos.

Como vimos antes, de acordo com o estoicismo, tudo é animado pelos princípios racionais que governam o universo, de tal maneira que tudo o que acontece e não depende de mim é **necessário** e **bom**. Mesmo a morte de um ente querido, por exemplo, deve ser tomada como um acontecimento bom, no sentido de que faz parte da ordem universal.

Por isso, os estoicos entendiam que uma pessoa não deve se revoltar por ter nascido com uma deficiência física ou por ser feia, pobre ou até mesmo escrava (recorde que a escravidão era algo bastante comum e aceito como “natural” nas sociedades antigas). Tudo isso não depende dela. A pessoa deve não apenas aceitar o peso de seu destino, mas também **querê-lo**, isto é, amar o que é, o que tem e o que vive. Deve, enfim, compreender que faz parte da totalidade e ter **amor por seu destino** (*amor fati*). Somente assim poderá ser feliz.

5) O ceticismo: a dúvida e a investigação contínuas

Imagine que há uma grande investigação policial em curso e que você é o detetive responsável.

Você e sua equipe tentam encontrar o criminoso ou os criminosos. Mas a sua vida não está nada fácil. Até o momento, há mais de dez suspeitos, mas nenhuma prova concreta. Então, você ainda não pode fazer nenhuma afirmação definitiva sobre o caso e terá de investigar mais. Pode ser que sua investigação o leve a descobrir os responsáveis. Pode acontecer também de ela não ser bem-sucedida e a dúvida nunca ser solucionada.

A sua experiência imaginária como detetive é parecida com a da investigação que os **céticos** desenvolveram a partir do século IV a.C. Para eles, não há nenhum critério claro para se chegar à verdade. Dessa maneira, não se pode obter nenhuma conclusão certa sobre a realidade, seja em relação à natureza, seja em relação ao ser humano. Não se pode ter certeza de algo nem por meio dos sentidos nem por meio da razão. Assim, também não é possível afirmar nada com segurança sobre coisa alguma. Mesmo sem a certeza de um dia formular um conhecimento inquestionável, os céticos continuaram investigando, buscando entender melhor a natureza, destruindo os argumentos daqueles que acreditavam ter descoberto a verdade. Vejamos um pouco mais sobre eles.

5.1) A suspensão do juízo

O ceticismo foi fundado por Pirro de Élide no século IV a.C. e teve várias fases e diversos representantes. As obras que mais se conservaram foram as de Sexto Empírico, que viveu na segunda metade do século II e no início do século III d.C.

O modo de pensar dos céticos exigia a investigação constante e a dúvida quanto à existência de algum critério seguro para se chegar à verdade. Em outras palavras, os céticos tinham dúvida sobre se o ser humano poderia atingir algum conhecimento inquestionável. Por isso, defendiam a **suspensão do juízo**, quer dizer, diziam que não era possível ter certeza a respeito de nada. Suspender o juízo significava não dar uma opinião definitiva sobre algo. A melhor atitude diante dos acontecimentos do mundo seria não se preocupar, isto é, ser indiferente diante dos fatos. O ser humano não deveria se deixar perturbar por nada, mantendo-se tranquilo.

Sem se inquietar com as coisas exteriores, o indivíduo poderia alcançar a tão almejada paz interior e ter uma vida boa e feliz.

A patrística e Agostinho

1) A religiosidade humana

Pensar a respeito da existência de Deus é inevitável. Em algum momento da nossa vida, nós nos questionamos: Deus existe? Não sei se você já se fez essa pergunta e qual foi sua resposta, mas provavelmente pensou ou pensará algumas vezes sobre isso. Pensou ou pensará também sobre a existência da alma e a possibilidade de vida após a morte. Esses questionamentos talvez o levem a determinadas crenças.

Você poderá não acreditar nas coisas divinas, achar que tudo não passa de ideais criadas pelo homem, ou crer profundamente em Deus e em seus ensinamentos. Poderá manifestar sua religiosidade de diversas maneiras, adotando a religião cristã (católica, protestante ou outra denominação cristã), a islâmica, a judaica ou alguma religião afro-brasileira, como o candomblé, ou mesmo apenas acreditar em Deus e, às vezes, pensar nele.

Todas as religiões ou manifestações de religiosidade devem ser respeitadas porque são expressões de uma necessidade humana: o vínculo com algo sagrado ou divino. Também o indivíduo ateu deve ser respeitado, pois todos têm o direito de entender o mundo e compreender a realidade à sua maneira.

Neste capítulo vamos estudar a filosofia cristã. Não porque as outras religiões não mereçam um estudo similar, mas porque o cristianismo está relacionado a um momento da história da filosofia. Vamos ver como muitas ideias de Pitágoras, Sócrates, Platão, Epicuro e dos estoicos influenciaram o pensamento cristão, e como, ao mesmo tempo, muitas escolas filosóficas posteriores foram influenciadas por essa religião.

1.1) A relação da filosofia com o místico e o religioso

Pelo estudo que você realizou até aqui, sabe muito bem que a filosofia surgiu diferenciando-se dos mitos. Ao contrário dos mitos, que explicavam o mundo com base na tradição, a filosofia passou a explicá-lo baseada em argumentos racionais. Na Grécia antiga, o mito explicava o mundo e a realidade por meio de narrativas ou histórias nas quais predominava a vontade dos deuses. Já a filosofia é uma investigação racional sobre a natureza e o ser humano, ela busca os princípios (ou leis) que explicam a realidade. Você está lembrado disso?

No entanto, embora a filosofia seja um discurso racional, isso não significa que ideias religiosas, mágicas ou místicas tivessem se afastado completamente das correntes filosóficas. Lembre-se, por exemplo, da filosofia de Pitágoras. Além de achar que o número estava presente em todas as coisas, esse filósofo acreditava que a alma, após a morte, reencarnava em outro corpo. Podemos considerar isso misterioso, você não acha? Lembre-se de que Platão também defendia essa ideia de uma alma migrando em corpos diferentes. Recorde ainda que o centro da filosofia Platônica está na ideia de que existe uma realidade que não pode ser vista, uma realidade suprassensível, na qual estariam as formas inteligíveis, que seriam essências das coisas visíveis. Esses são alguns exemplos de que as ideias sobre divindades, espíritos e certos mistérios acompanharam o desenvolvimento da filosofia.

1.2) A formação da Filosofia cristã

A Filosofia passou por grandes transformações no período medieval. Nesse período, surgiram pensadores que tentaram conciliar a razão filosófica com a fé cristã. O que inicialmente parecia contraditório foi trabalhado, argumentado e discutido por diversos intelectuais ao longo desse período, formando uma interessante unidade, que nos determina até hoje.

Cronologicamente, a Idade Média tem início com a queda do Império Romano do Ocidente (século V) e termina com o declínio do Império Bizantino no século XV. Nessa longa fase da história, houve intensas e

dinâmicas relações de poder, tais como a formação de reinos “bárbaros”, a consolidação do feudalismo e a forte presença da Igreja Católica na vida social.

O clero detinha muita força social e econômica na sociedade da época. Considerada a instituição mais poderosa, a Igreja Católica possuía prestígio e monopolizava a cultura. Essa hegemonia foi alcançada graças à sua unidade administrativa, agregando elementos culturais clássicos. Para muitos historiadores, o clero se tornou uma espécie de protetor da cultura greco-romana.

Em uma sociedade de elevado índice de analfabetismo, os eclesiásticos eram um dos poucos grupos que sabiam ler. Dessa forma, as concepções de mundo do medievo sofreram grande influência do cristianismo no campo político, jurídico, social, moral e econômico, por isso muitos denominam a Idade Média como a *Idade da Fé*. Os hábitos e os costumes foram permeados pela vontade divina. Esse teocentrismo marcou a sociedade ocidental europeia por muitos séculos.

Esse panorama, todavia, não impediu a construção de debates filosóficos. Entre as principais discussões, temos aquelas desenvolvidas pelos intelectuais da Patrística e da Escolástica. Eles concentraram suas reflexões na relação entre fé e razão, entre a Filosofia e a **Teologia**.

Neste capítulo, daremos ênfase nos filósofos Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. Tidos como os “doutores” da Igreja Católica, esses expoentes da intelectualidade medieval vão trazer argumentos sólidos sobre a possibilidade de crer em Deus por meio da racionalidade filosófica.

1.3) **Patrística: a matriz platônica de apoio a fé**

No processo de desenvolvimento do cristianismo, tornou-se necessário explicar seus preceitos às autoridades romanas e ao povo em geral. A Igreja Católica sabia que esses preceitos não podiam simplesmente ser impostos pela força. Tinham de ser apresentados de maneira convincente, mediante um trabalho de pregação e conquista espiritual.

Foi assim que os primeiros **padres da Igreja** empenharam-se na elaboração de diversos textos sobre a fé e a revelação cristãs. O conjunto desses textos ficou conhecido como patrística, por terem sido escritos principalmente por esses grandes padres da Igreja.

Uma das principais correntes da filosofia patrística, inspirada na filosofia greco-romana, tentou munir a fé de argumentos racionais, ou seja, buscou a conciliação entre o cristianismo e o pensamento pagão.

Seu principal expoente foi **Agostinho**, posteriormente consagrado santo pela Igreja Católica.

1.4. **Santo Agostinho**

Aureliano Agostinho (354-430) nasceu em Tagaste, província romana situada na África, e faleceu em Hipona, hoje localizada na Argélia. Nessa última cidade viria a ocupar o cargo de bispo da Igreja Católica.

Em sua formação intelectual, Agostinho, professor de retórica em escolas romanas, despertou para a filosofia com a leitura de Cícero (orador e político romano que se inspirou no ecletismo, isto é, a busca de um acordo entre os ensinamentos das escolas platônica, aristotélica, hedonista etc.) Posteriormente, deixou-se

influenciar pelo **maniqueísmo**, doutrina persa que afirmava ser o universo dominado por dois grandes princípios opostos, o **bem** e o **mal**, em uma incessante luta entre si.

Mais tarde, já insatisfeito com o maniqueísmo, passou a lecionar em Roma e posteriormente em Milão. Nesse período entrou em contato com o **ceticismo** e, depois, com o **neoplatonismo**, movimento filosófico do período greco-romano, desenvolvido por pensadores inspirados em Platão, que se espalhou por diversas cidades do império romano, sendo marcado por sentimentos religiosos e crenças místicas.

Cresceu e aprofundou-se então em Agostinho uma grande crise existencial, uma inquietação quase desesperada em busca de sentido para a vida. Foi nesse período crítico que ele se sentiu extremamente atraído pelas pregações de Santo Ambrósio, bispo de Milão. Pouco tempo depois, converteu-se ao cristianismo, tornando-se seu grande defensor pelo resto da vida.

1.5) A superioridade da alma sobre o corpo

Em suas obras, Agostinho defende que a alma (espírito) humana é superior ao corpo (matéria). Segundo ele, Deus criou o espírito para prevalecer sobre o corpo, guiando-o para a prática do bem.

O pecado do homem, porém, distorce essa relação hierárquica, deixando as vontades carnis dominarem as bênçãos espirituais. Essa submissão da alma à matéria seria similar, a partir da perspectiva agostiniana, à passagem do eterno para o passageiro, do real para o ilusório, da essência para as aparências.

De acordo com o pensamento de Santo Agostinho, a pura e verdadeira liberdade se encontra no equilíbrio entre os desígnios celestiais e as ações humanas. A liberdade se expressa na obediência a Deus, dizia Agostinho, uma vez que o ato de pecar conduz à “escravidão” da alma.

1.6) Boas obras ou graça divina?

Segundo o filósofo, o ser humano que trilha a via do pecado só consegue retornar aos caminhos de Deus e da salvação mediante a combinação de seu esforço pessoal de vontade e a concessão, imprescindível, da **graça divina**. Sem a graça de Deus, o ser humano nada pode conseguir. Essa graça, no entanto, seria concedida apenas aos **predestinados** à salvação.

A questão da graça, tal como colocada pelo filósofo, marcou profundamente o pensamento medieval cristão. E a doutrina da predestinação à salvação foi, posteriormente, adotada por alguns ramos da teologia protestante (Reforma Protestante).

Na mesma época de Agostinho, outro teólogo, **Pelágio**, afirmava que a **boa vontade** e as **boas obras** humanas seriam suficientes para a salvação individual. Seus ensinamentos constituíram a doutrina do **pelagianismo**, contra a qual se colocou Agostinho. No concílio de Cartago do ano de 417, o papa Zózimo condenou o pelagianismo como heresia e adotou a concepção agostiniana de necessidade da graça divina, doada livremente por Deus aos seus eleitos.

A condenação do pelagianismo explica-se pelo fato de que conservava a noção grega de autonomia da vida moral humana, isto é, a noção de que o indivíduo pode salvar-se por si só, sendo bom e fazendo boas obras, sem a necessidade da ajuda divina. Essa noção chocava-se com a ideia de submissão total do ser humano ao

Deus cristão, defendida pela Igreja. “O fato de assim a Igreja ter se pronunciado por tal doutrina assinalou o fim da ética pagã e de toda a filosofia helênica”. (POHLENZ, citado em REALE e ANTISERI, *História da filosofia*, v.1, p.433).

Uma consequência disso é a forma como se passa a enfatizar a **interioridade**. Enquanto na filosofia grega o indivíduo se identificava com o cidadão (isto é, o ser humano social, político), a filosofia cristã agostiniana enfatiza no indivíduo sua vinculação pessoal com Deus, a responsabilidade de cada indivíduo pelos próprios atos e exalta a salvação individual.

1.7) Liberdade e pecado

Outro aspecto fundamental da filosofia agostiniana é o entendimento de que a **vontade** é uma força que determina a vida e não uma função específica ligada ao intelecto, tal como diziam os gregos. Agostinho contrapõe-se, dessa forma, ao **intelectualismo moral**, que teve sua expressão máxima em Sócrates.

Isso significa que, de acordo com Agostinho, a **liberdade humana** é própria da vontade e não da razão – e é nisso que reside a **fonte do pecado**. A pessoa peca porque usa de seu livre-arbítrio para satisfazer uma vontade **má**, mesmo sabendo que tal atitude é pecaminosa. Nas palavras do filósofo, vejamos as causas mais comuns do pecado:

O ouro, a prata, os corpos belos e todas as coisas são dotadas dum certo atrativo. O prazer de conveniência que se sente no contato da carne influi vivamente. Cada um dos outros sentidos encontra nos corpos uma modalidade que lhes corresponde. Do mesmo modo a honra temporal e o poder de mandar e dominar encerram também um brilho, donde igualmente nasce a avidez e a vingança. [...] A vida neste mundo seduz por causa dum certa medida de beleza que lhe é própria, e da harmonia que tem com todas as formosuras terrenas.

*Por todos estes motivos e outros semelhantes, comete-se o pecado, porque, pela propensão imoderada para os bens inferiores, embora sejam bons, se abandonam outros melhores e mais elevados, ou seja, a Vós, meu Deus, à vossa verdade e à vossa lei. (SANTO AGOSTINHO, *Confissões*, p.33).*

Por isso Agostinho afirma que o ser humano não pode ser autônomo em sua vida moral, isto é, deliberar livremente sobre sua conduta. No entanto, como o que conduz seus atos é a vontade e não a razão, o ser humano pode querer o mal e praticar o pecado, motivo pelo qual necessita da graça divina para se salvar.

1.8) Precedência da fé

Agostinho também discutiu a diferença entre fé cristã e razão, afirmando que a fé nos faz crer em coisas que nem sempre entendemos pela razão: “creio tudo o que entendo, mas nem tudo que creio também entendo. Tudo o que compreendo conheço, mas nem tudo que creio conheço” (SANTO AGOSTINHO, *De magistro*, p.319).

Baseando-se no profeta bíblico Isaías, dizia ser necessário **crer para compreender**, pois a fé ilumina os caminhos da razão, e a **compreensão nos confirma a crença** posteriormente. Isso significa que, para Agostinho, a fé revela verdades ao ser humano de forma direta e intuitiva. Vem depois a razão, esclarecendo aquilo que a fé já antecipou. Há, portanto, para ele, uma **precedência da fé sobre a razão**.

1.9) Influência helenística

O pensamento agostiniano (de Agostinho) reflete, em grande medida, os principais passos de sua trajetória intelectual anterior à conversão ao catolicismo, quando sofreu a influência do helenismo. Vejamos alguns elementos.

❖ Do **maniqueísmo** o filósofo herdou uma concepção **dualista** no âmbito moral, simbolizada pela luta entre o bem e o mal, a luz e as trevas, a alma e o corpo. Nesse sentido, dizia que o ser humano tem uma inclinação natural para o mal, para os vícios, para o pecado. Insistia em que já nascemos pecadores (pecado original) e somente um esforço consciente pode nos fazer superar essa deficiência “natural”. Considerando o mal como o afastamento de Deus, defendia a necessidade de uma intensa educação religiosa, com a finalidade de reduzir essa distância.

❖ Do **ceticismo** ficou a permanente **desconfiança nos dados dos sentidos**, isto é, no conhecimento sensorial, que nos apresenta uma multidão de seres mutáveis, flutuantes e transitórios.

❖ Do **platonismo** Agostinho assimilou a concepção de que a verdade, como conhecimento **eterno**, deveria ser buscada intelectualmente no “mundo das ideias”. Por isso defendeu a via do **autoconhecimento**, o caminho da **interioridade**, como instrumento legítimo para a busca da verdade. Assim, somente o íntimo de nossa alma, iluminada por Deus, poderia atingir a verdade das coisas. Da mesma forma que os olhos do corpo necessitam da luz do sol para enxergar os objetos do mundo sensível, os “olhos da alma” necessitam da **luz divina** para visualizar as verdades eternas da sabedoria.

Exercícios de fixação

1) Assinale **V** para as afirmativas verdadeiras e **F** para as falsas.

- a) () Os epicuristas defendiam que a reflexão filosófica deveria estar voltada para os interesses da cidade.
- b) () Os epicuristas defendiam que o ser humano deveria se dedicar a todo tipo de prazer.
- c) () Para os cínicos, a sociedade tem um conjunto de convenções que vai contra a essência do indivíduo.
- d) () Diógenes defendia que a vida simples levaria à liberdade e à felicidade.
- e) () Para os cínicos, o ser humano deveria viver de acordo com a sua natureza.

2) Assinale a alternativa **incorreta**.

- a) Epicuro defendia que uma pessoa só poderia ser feliz sem dor no corpo e perturbação na alma.
- b) Segundo Diógenes, o ser humano precisa apenas satisfazer suas necessidades básicas para ser feliz.
- c) O cinismo era conhecido como a Escola do Jardim, e as ideias dos cínicos, como Filosofia do Jardim.
- d) Segundo Epicuro, há os prazeres que beneficiam e os que prejudicam o ser humano.
- e) Os epicuristas defendiam que os sentidos são mensageiros da verdade, isto é, que a verdade pode ser encontrada por meio da percepção.
- f) Epicuro defendia que o prazer é o começo e o fim da vida feliz.

3) A imagem abaixo mostra como o ser humano moderno é bombardeado por informações e propagandas. Nessa situação, são provocados estímulos e desejos sem fim. Se o indivíduo se entregar a esse bombardeio, nunca ficará satisfeito e, por isso, estará sempre inquieto.



Qual foi a solução encontrada por Epicuro para que o indivíduo fosse livre e feliz?

4) Redija um breve texto sobre as principais ideias estudadas a respeito do cinismo e do epicurismo.

5) Marque apenas a afirmativa **incorreta**.

- a) O epicurismo, o estoicismo e o ceticismo são filosofias que tratam da vida feliz.
- b) O epicurismo, o estoicismo e o ceticismo são filosofias que pregam a necessidade de paz interior.
- c) Para os estoicos, o ser humano deve dominar suas emoções.
- d) Epicuro foi o mais destacado discípulo de Parmênides.

6) Com base no pensamento dos estoicos a respeito do destino, analise a seguinte frase: **“O destino conduz quem quer e arrasta quem não quer”**. (CLEANTO. In: ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. *História da filosofia*. São Paulo: Paulus, 1990.p.260.v.1).

7) Redija um breve texto sobre as principais ideias do estoicismo e do ceticismo estudadas nesta apostila.

8) Assinale apenas os temas religiosos.

- a) () Lei da gravidade.
- b) () Imortalidade da alma.
- c) () Salvação da alma.
- d) () Vida dos seres naturais.
- e) () Futebol.
- f) () A existência de Deus.
- g) () Pecado.

9) Assinale **V** para as afirmativas verdadeiras e **F** para as falsas.

- a) () Em sua origem, a filosofia se diferenciou do mito por tentar explicar a realidade por meio da razão.
- b) () O mito, a religião e a filosofia são uma coisa só, todos tentam explicar a realidade.
- c) () Pitágoras era contrário a qualquer pensamento místico ou religioso; em seu sistema só havia explicações racionais.
- d) () Embora a filosofia seja um discurso racional, isso não significa que as ideias religiosas e místicas tenham se afastado completamente das correntes filosóficas.
- e) () Platão combatia qualquer afirmação que não pudesse ser verificada na prática, isto é, que não fosse confirmada por meio dos órgãos dos sentidos.

10) Redija um breve texto sobre as principais ideias estudadas a respeito do início da filosofia cristã.

11) (Uncisal 2011) Uma das preocupações de certa escola filosófica consistiu em provar que as ideias platônicas ou os gêneros e espécies aristotélicos são substâncias reais, criadas pelo intelecto e vontade de Deus, existindo na mente divina. **Reflexões dessa natureza foram realizadas majoritariamente no período da história da filosofia:**

- a) Pré-socrático.
- b) Antigo.
- c) Medieval.
- d) Moderno.
- e) Contemporâneo.

12) Por que, segundo Agostinho, o ser humano precisa da ajuda (iluminação) de Deus?

13) Redija um breve texto sobre as principais ideias de Agostinho e da filosofia cristã estudadas nesta apostila.

14) Seu principal objetivo era demonstrar, por um raciocínio lógico formal, a autenticidade dos dogmas cristãos. A filosofia devia desempenhar um papel auxiliar na realização deste objetivo. Por isso a tese de que a filosofia está a serviço da teologia.

(Antonio Carlos Wolkmer – Introdução à História do Pensamento Político)

O texto deve ser relacionado com

- a) filosofia epicurista;
- b) a filosofia escolástica;
- c) a filosofia iluminista;
- d) o socialismo;
- e) o positivismo.

“É preciso plantar a semente da educação para colher os frutos da cidadania.” Paulo Freire